

Importância de uma Visão Diacrônica

Florival Seraine

1. Observam-se variações diatópicas no português do Brasil, relativamente à pronúncia dos fonemas vocálicos |e| e |o| mediais, em sílabas pretônicas. No Nordeste, pelo menos até onde o conhecemos, soam, respectivamente, |i| e |u|, nos casos aludidos, diferente do que se verifica em outras regiões brasileiras, onde revelam os falantes, nesse sentido, correspondência com o que prescreve a ortografia atual: |e| e |o|, que podem apresentar o timbre aberto ou fechado, na elocução normal. Podemos afirmar, por experiência própria, que as pronúncias registadas no Ceará, particularmente em Fortaleza, onde residimos desde a infância, ocorrem em todos os níveis socioculturais.

M. Marroquim refere igual fato — ensurdecimento das vogais átonas |e| e |o| — nos Estados de Pernambuco e Alagoas, afirmando que a ocorrência se dá em todas as classes sociais, tanto a culta como a inculta, isto é, que ela possui caráter geral. (1)

Infelizmente, não possuímos dados para informar que em outras áreas nacionais onde os mesmos fatos foram anotados, existem diferenciações na escala diastrática, por exemplo, em São Paulo, segundo aponta R. Mendonça. (2)

Tampouco quanto às pronúncias, a respeito, que seguem a norma preceptiva, ou não se afastam da grafia oficial de nossa época, dispomos de elementos para estabelecer os níveis em que surgem ordinariamente.

2. Será sempre um estudo incompleto ou insuficiente tudo o que, a respeito, se fizer apenas *sincronicamente*, preocu-

pando-nos exclusivamente com explicações fonéticas pelo *metafonia*, a *assimilação vocálica*, ou pela *analogia*. Consideremos, pois, como indispensável uma perspectiva *diacrônica* do problema, com a busca de documentação histórica apropriada.

Rumemos, pois, no sentido daquela primeira *deriva*, que da Silva Neto considera bastante conservadora e se manteve sem alteração desde o português falado pelos colonizadores. (3) Sua transmissibilidade como linguagem vinda de Portugal se fez pelo *canal* oral, tornando-se depois aludidas pronúncias automatizadas pelo uso, no decorrer dos séculos.

3. Um documento que nos parece da maior significação para esse estudo da língua portuguesa aqui empregada nos primeiros séculos da colonização é a *Relação do Maranhão*, da autoria do Padre Luis Figueira, jesuíta lusitano, que compôs em latim a *Carta Bienenal* de 1602 a 1603 e se dedicou ao cultivo da língua tupi, elaborando a *Arte da Gramática da Língua do Brasil*, obra que teve várias edições. Já se achava ele em nosso país há seis anos quando produziu a narração de sua viagem pelo sertão nordestino, indo até a serra da Ibiapaba, nas fronteiras com o Piauí.

Trata-se da reprodução de uma fotocópia, cujo original foi encontrado no arquivo S.J. Romanorum e que foi entregue ao Barão de Studart, historiador cearense, pelo jesuíta P. J. B. van Meurs, do Limburgo Holandês, por ordem do Superior Geral da Companhia de Jesus. (4) Luis Figueira era natural do Alentejo, onde nasceu em 1574, com 28 anos veio para o Brasil, e o documento de sua autoria a que aludimos foi enviado ao Preposto Geral da Companhia de Jesus, Cláudio Aquaviva, em 1608. Recebeu o Pe. Figueira instrução no Colégio de Évora, então um dos mais conceituados do seu país. Sua escrita deveria, pois, refletir a linguagem dos portugueses cultos da sua época e ser revelada em forma compatível à sua destinação a um superior hierárquico. Mas é narração sem cunho literário, o que — a nosso ver — ainda mais o valoriza como documento lingüístico. Passemos a examiná-lo, a propósito do nosso tema capital, achando que o jesuíta seguia aquele "critério ortográfico fonetista (escreve como se fala)", a que se refere Amado Alonso. (5)

Anotamos o grafema *i* em vez de *e* nos vocábulos: *mintira*, *mininos*, *tizoura*, *milhor*, *quiriam* ou *quírião* de acordo —

como referimos inicialmente — com a pronúncia geral do povo cearense, e diferente do que se percebe na fala dos habitantes em outras áreas do domínio lingüístico português, na época atual.

Citamos os textos seguintes, contidos na *Relação*:... juntamente levarão dous outros *mininos* (p. 100);... com paz muyto *milhor* ou destruyção... (p. 85);... para sabermos se nos quirião lá... (p. 86);... “machados, facas, espelhos, tizouras, etc...” (p. 89) ... “qu’era falsidade certa *mintira* de hu índio”... (p. 106).

Da *Relação do Maranhão* trazemos dois casos de grafias em que ocorre permuta de [o] por [u] de acordo com a pronúncia geral dos cearenses e nem sempre encontrada no resto do País. Estão nos vocábulos *coverto* e *custumava*. Exs.:... “cõ esta capa se deu por bem *coverto*” (p. 108); “não *custumava* beber fumo...” (p. 111).

4. Em outros documentos que nos ficaram do mesmo período, — primeiras décadas do século XVI — encontramos os mesmos grafemas correspondentes aos sons vocálicos da fala cearense, de que nos ocupamos. Em missivas de frei Cristóvão de Lisboa: *descubrir*, *milhor*, *inviei*. Em um documento firmado por Bento Maciel Parente (12 de novembro de 1618) — “capítulos que esse capitão apresenta “contra ho capitão Jeronimo d’Albuquerque” encontram-se as grafias *milhor* e *custume*. (6)

5. Aliás, essa observação ortográfica vamos ainda realizar posteriormente em vários documentos datados do século XVIII, como uma correspondência de Jerônimo da Paz, fidalgo português vindo ao Brasil, ao Capitão General; uma exposição sobre a Capitania do Ceará, da lavra de Bernardo Vasconcelos, também lusitano, então em nossa pátria, a Rodrigo de Sousa Coutinho; em uma “Notícia Geral da Capitania do Seará Grande”, subscrito por João de Azevedo Coutinho de Montauri; documentos firmados por Bento Maria Targine, cidadão luso que se destacava, àquela época, no Ceará; além de algumas Cartas Régias. Recolhemos estes exemplos: *rizistem*, *similhante*, *descuberto*, *custume*, *disraçado*, *rial*, *benefício*, *impregar*, *algudão*, *dispotismos*, *pulidas*, *disvello expusição*. (7).

6. Na literatura portuguesa clássica e anticlássica deparamos com vários casos em que os grafemas *e* e *o* da ortografia atual são substituídos por *i* e *u*, como na fala nordestina, registrada por nós, Martinz de Aguiar e M. Marroquim.

No tocante ao *i*, apresentamos os seguintes exemplos: "outra *milhor* forma" (D. Duarte) (8); "como *milhor* sabe", "elle he maior nem *milhor*", "o tempo de nossa *mininice*" (Zurara) (9); "O *minino* Jesus e o glorioso São Diogo", "louvai *mininos* inocentes (Manuel Bernardes) (10); "ca el *quiria* hir", "*quiria* auer com elles conselho" (Fernão Lopes). (11) *Mintir*, *sintir*, *vistir*, são infinitivos que J. J. Nunes registra com a alteração vocálica do *e* em *i*, quando trata da metafonía em certas formas verbais, na língua arcaica. (12). *Minino*, *mininos*, *milhor* encontram-se na *Grammatica*, de João de Barros (1540). (13)

O grafema *u* em vez de *o* da ortografia atual, pode ser, apresentado nos casos seguintes da literatura portuguesa antiga: "Cubertos de sangue", "mais arreyos, *cubertos* de joyas" (Manuel Bernardes) (14); "mais flores *custuma*", "algumas manhas *custumadas*", "que a cavalo se *custumam* fazer" (D. Duarte). (15)

É interessante observar-se a influência da escola sobre a pronúncia brasileira, como os alunos, sendo forçados a pronunciar os vocábulos de acordo com a escrita, em certas áreas do país modificaram a pronúncia originária, a herdada, que nos foi transmitida originariamente desde os tempos da Colonização. O fato não escapou a um João Ribeiro, que considerava a pronúncia dos fonemas *|e|* e *|o|* mediais usual no Nordeste a autêntica, a primitiva. (16)

Gladstone Chaves de Melo, depois de observar que a pronúncia atual brasileira se acha mais próxima da pronúncia portuguesa do século XVI que a atual lusitana, escreve a propósito: "Nós brasileiros dizemos *minino*, *piqueno* e *milhor* (com exceção do carioca que, por influência, talvez, da grafia, diz *melhor*), ao passo que os portugueses dizem *m'nino*, *p'queno* e *m'lhor*. Pois bem, a grafia dessas palavras até o século XVII, como se sabe, é *minino*, *piqueno*, *milhor*, que deoõe a favor da antiguidade da pronúncia em *i*. Na mesma página (nota 2) acentua, a propósito de umas considerações negativas de Gonçalves Viana: "Bem sei que há bastante oscilação ortográfica nos velhos textos, para os vocábulos que nos interessam. Mas quero dizer é que jamais se encontrará prá-

tica ortográfica que autorize supor pronúncias como *s'mana*, *c'roa*, etc." (17)

Concordamos, pois, com as lúcidas assenções de Chaves de Melo fazendo notar apenas que outros brasileiros, além do carioca, não só habitantes do Sul, mas ainda do Norte (especialmente Pará) não usam ensurdecer as vogais *e* e *o*, mediais, em sílabas pretônicas, não só na palavra *melhor*, como também em várias outras.

7. No Ceará, particularmente, podemos afirmar que essa pronúncia, de que já nos ocupamos, é registado em todos os *níveis* de fala, desde o da elite urbana até o das classes incultas, a fala dos iletrados e homens do campo. O tema merece, sem dúvida, as considerações *diatrática* e *diafática*, segundo E. Coseriu (18) nos lugares em que se observam os timbres abertos ou fechados dos fonemas vocálicos aqui enfocados.

Amadeu Amaral, em seu *Dialeto Caipira*, refere que em São Paulo o *e* medial muda-se freqüentemente em *i*. E cita como exemplos: *tisôra*, *Tiodoro*, *piqueno*. Acentua o fenômeno quando se regista assimilação: *pirigo*, *dilicado*, *minimo*, *intiligente*, *pidi(r)*, *midi(r)*, etc. Também, acerca do *|o|* medial, assinala que se muda em *u* *cuzinha*, *dumingo*, e casos de metafonia em verbos em *i(r)*; *buli(r)*; *tussi(r)*, etc. (19). Entretanto, o que desejamos saber — embora o título de sua obra seja *O Dialeto Caipira* — é se os fatos assinalados ocorrem apenas no ambiente rural, nas classes iletradas, e não atingem os níveis socioculturais mais elevados.

Antenor Nascentes, em seu *O linguajar Carioca* (20), não aborda sistematicamente o caso das vogais aludidas, no Rio de Janeiro, destacando apenas a pronúncia do *e* fechado em "locuções consagradas": *dê noite*, *dê manhã*, *cor dê rosa*, *conto dê réis*, *pandêlô* (pão de ló). Sem nenhuma referência *diatrática* ou *diafática*, a respeito.

8. Nos lugares onde se registam os timbres abertos ou fechados dos fonemas em tela, seria da maior importância registrar se os fatos são generalizados, sucedem ou não em todos os níveis socioculturais, ainda se apenas são peculiares a determinadas circunstâncias do falar, situações, modos estilísticos, ou são linguagem corrente, informal, participando de

vocábulos que integram mensagens codificadas nas normas correntes diatópica e diastraticamente.

Repetindo: a nosso ver, trata-se no Nordeste de *linguagem transmitida*, recebida inicialmente dos portugueses colonizadores ou estabelecidos no Brasil, pelo *canal oral*, formas linguísticas que depois se automatizaram pelo uso, no decorrer dos séculos, diferente, pois, dos casos registados no Norte e Sul (ê, é ô, ó), que pertencem à linguagem *adquirida*, advinda pelo *canal escrito*, mediante a leitura, e que depois se tornou também linguagem transmitida oralmente. (21)

Aqueles que, no Ceará, por influência da pronúncia carioca ou outra sulista e da nortista (paraense), proferirem os fonemas citados diversamente do normal na região, serão olhadas como pedantes ou afetadas e despertam a atenção dos circunstantes. Até mesmo nas ocasiões solenes, nos discursos acadêmicos, em que se procura falar com esmero, a não ser esporadicamente, poderá ouvir-se a abertura ou o fechamento das vogais mediais, do que tratamos.

Algum locutor de rádio ou televisão poderá ir contra a norma geral, pronunciando *pêqueno* ou *mêlhor*. Contudo, é possível que, atualmente, com a maior facilidade dos contactos elocutivos com pessoas de outras áreas, devido ao forte incremento dos meios de comunicação e de receptividade oral (ex. as *novelas* e *noticiário da televisão*) em relação ao sul do país, já surjam cearenses que usem imitar, no colóquio normal, a pronúncia carioca, que decerto lhes parece mais elegante.

Bem ajustada — parece-nos — a concepção daquela *deriva*, bastante conservadora, de que fala Serafim da Silva Neto, na constituição do português brasileiro, oriunda dos primeiros tempos da Colonização. Nela devem estar incluídas as pronúncias cearenses aqui estudadas, coincidentes com as grafias encontradas nos documentos do Pe. Figueira e outros dos séculos XVII e XVIII.

Trata-se, aqui, de um caso *sui generis* de conservadorismo fonético, importante por ser registado em todos os níveis socioculturais e não apenas entre os indivíduos sem escolaridade, como tantas formas obsoletas encontradas ainda hoje nas falas rural e citadina incultas.

Acreditamos, ao contrário do que julgou o ilustre filólogo Gonçalves Viana, que essas pronúncias nordestinas sejam relíquias do português de outras eras". (22)

NOTAS E COMENTÁRIOS

- 1 — Marroquim, M. — *A Língua do Nordeste* — 2.^a edição — Brasileira — São Paulo, 1945 — pp. 55 e 65.
- 2 — Mendonça, R. — *O Português do Brasil* — Civilização Brasileira — Rio de Janeiro, 1936 — p. 225 — O estudioso cearense Martinz de Aguiar afirma, talvez com certo exagero, que as pronúncias apontadas por Mendonça são de quase todo o Brasil e não apenas de São Paulo e que *tabuleta* é, com efeito, pronúncia de acordo com a grafia correta do vocábulo. V. *Fonética do Português do Ceará* — In “Revista do Instituto do Ceará” — Tomo LI — Ano LI — Fortaleza, 1937 — pp. 273-274.
- 3 — Silva Neto, S. da — ap. Maria de Nazaré da Cruz Vieira — *Aspectos do Falar Paraense* — Belém, 1980 — p. 165.
- 4 — O texto que serviu para a pesquisa lingüística é o que vem reproduzido na obra “Três Documentos do Ceará Colonial”, publicada em 1967 sob a chancela do Instituto do Ceará (Departamento da Imprensa Oficial — Fortaleza — Ceará). Acham-se também no mesmo volume cópias da “Relação do Ceará”, da autoria de Martim Soares Moreno (1618), e do *Diário* de Matias Beck (1649). As citações de trechos ou palavras da Relação reportam-se aos números das páginas do livro editado pelo Instituto do Ceará. São de nossa autoria os grifos, não só nessas citações como nas demais por nós efetuadas.
- 5 — *Estudios Lingüísticos — Temas Hispano-americanos* — 3.^a ed. — Gregos — Madrid, 1967 — p. 16 — nota 5. Não observamos, em todo o documento da lavra do Pe. Figueira, casos de grafias duplas que façam supor oscilação de pronúncia, como foi comum em certo período da escrita portuguesa antiga, conforme estudaram Carolina Michaelis e outros. V. A. de Bem Veiga — *Viagem de Consolação* — Salvador, 1959 — pp. XXVII e XXVIII.
- 6 — V. Guilherme Studart — *Documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará* — 1.^o vol. — (1608-1625) — Tip. Studart — Fortaleza, 1904. Nesta obra foi publicada inicialmente a *Relação do Maranhão*.
- 7 — In *Revista do Instituto do Ceará* — Tomo VI, 3 — 62; Id. — Tomo III, 141 — 176; Id. — Tomo XLIX, 85 — 100 etc.
- 8 — D. Duarte — *Leal Conselheiro* — Livraria Clássica Editora — Lisboa, 1942 — p. 85.
- 9 — Zurara — *Cronica dos Feitos de Guiné* — Liv. Clássica Editora — Lisboa, 1942 — p. 23. V. ainda, *Cronica da Tomada de Couta* — Liv. Clássica Editora — Lisboa, 1942 — p. 70.
- 10 — Bernardes, Manuel — I volume — *Livr. Clássica Editora*, Lisboa, 1942 pp. 67 e 70.
- 11 — Nunes, J.J. — *Crestomatia Arcaica* — 3.^a ed. — Lisboa, 1943 — pp. 186 e 191.

- 12 — Nunes, J.J. — *Crestomatia Arcaica* cit. p. CXIV.
- 13 — Barros, João de — *Gramatica da Língua Portuguesa* — Lisboa, 1540 — 3.^a edição (organizado por J. P. Machado).
- 14 — Manuel Bernardes — 1 vol. ed. cit. — pp. 61 e 79.
- 15 — *Leal Conselheiro* — ed. cit. — pp. 36, 68 e 94.
- 16 — Ribeiro, João — *Selecta Clássica* — 3.^a edição — Rio, 1914 — p. 3, — *Curiosidades Verbais* — S. Paulo, pp. 86 e 87.
- 17 — Melo, Gladstone Chaves de — *A Língua do Brasil* — Livr. Agir Editora — Rio, 1946 — p. 100.
- 18 — Coseriu, E. — *Sentido y Tareas de la Dialectologia* — (A.L.F.A.L.) México, 1982 — p. 19.
- 19 — Amaral, Amadeu — *O Dialeto Caipira* — 3.^a edição — São Paulo, 1976, p. 49.
- 20 — Nascentes, Antenor — *O Linguajar Carioca* — 2.^a edição — Organização Simões — Rio, 1953 — p. 33.
- 21 — Seraine, F. — V. *Processos do Desempenho no Português do Brasil* — In "*Romania Europea et Americana*" — Bonn, 1980 — pp. 575 e segs.
- 22 — Ap. Melo, G.C. de — op. cit., — p. 100.